



Maître d'apprentissage

RELATÓRIO DE MESTRE DE APRENDIZAGEM PARA OBTENÇÃO DA DESIGNAÇÃO DE MESTRE DE APRENDIZAGEM 2019

ELISABETE PINTO DA COSTA

Introdução

No âmbito do projeto CreE.A, integrei um grupo de Mestres de Aprendizagem (MA) da “Tour d’ Europe” de 2018-2019. Neste contexto, foi solicitado um relatório que condensasse as informações relativas às atividades realizadas, contribuindo assim para a construção coletiva do projeto, no sentido do seu desenvolvimento, consolidação e aperfeiçoamento.

Desde a primeira hora, encarei esta participação como uma honra e enorme um desafio, associado a uma grande responsabilidade. Assumi todo o processo como uma possibilidade de formação contínua, de aprendizagem conjunta, de partilha de conhecimentos e experiências e de contribuição para a construção da mediação no espaço europeu.

A caminho do último encontro desta “Tour d’ Europe” importa lembrar e dar conta do trabalho realizado, com a expectativa de ter estado à altura do desafio abraçado e cumprido a responsabilidade assumida.

1. A experiência da “Tour d’Europe”:

A participação neste projeto foi um misto de experiência profissional e de vida, tanto mais que esta constituiu a minha primeira participação num projeto europeu dedicado à mediação.

Para suportar a ideia anterior, proponho-me a apresentar um roteiro da “Tour d’ Europe”, através dos momentos mais marcantes (em termos profissionais e pessoais).

Foi com entusiasmo e imensa curiosidade que me organizei logo para o primeiro encontro formativo, em Magdeburgo. O convite para organizarmos a nossa apresentação permitiu incorrer numa reflexão sobre o meu percurso e como este poderia ser interessante para o projeto. Ainda que esse trabalho não tenha sido suficientemente desenvolvido nesse encontro, creio que constituiu um excelente ponto de partida para me focar na minha identidade como mediadora no projeto. Por outro lado, estava também curiosa para conhecer os restantes mediadores, seus contextos e suas práticas. Abria-se todo um universo de informação, onde iria perscrutar os aspetos comuns e específicos dos vários territórios de mediação integrantes no projeto.

Foi também de grande relevância, a organização da apresentação da cidade, da instituição acolhedora ao Mediador Acompanhante. Este exercício permitiu sistematizar informação e, sobretudo, refletir sobre o meu contexto de forma articulada e integrada. Isto é, a entidade à qual pertence, o Instituto de Mediação da Universidade Lusófona do Porto (IMULP), tem trabalhado em diversas áreas da mediação, envolvendo diferentes parceiros e em diferentes locais. Tudo isto está concordante com a missão do IMULP, que passou a ter melhor legibilidade. Apresentar a cidade, a Universidade, o IMULP e as suas áreas de atuação constituiu, por isso, uma mais-valia para reforçar a orientação definida para o próprio IMULP e sua equipa que colaborou neste trabalho.

Já no encontro em Magdeburgo, tive o privilégio de me envolver numa metodologia de trabalho excecional. Os materiais de preparação, a organização das sessões, os debates (reflexões partilhadas), os resumos sustentaram sessões muito proveitosas. Tive oportunidade de aprender com os mediadores, mais ou menos experientes. As realidades pessoais, institucionais e dos contextos de cada um permitiram questionar, refletir e confirmar conhecimentos. Este encontro reforçou uma ideia base da minha visão sobre a mediação: como área de saber recente, esta necessita de uma articulação constante entre teoria e prática. Assistindo a experiências diferentes, em função da geografia humana, política e cultural, denotei uma ideia comum de mediação. Tive a possibilidade de (re)confirmar que a fundamentação, os princípios, as técnicas e, sobretudo, os objetivos constituem um referencial comum nas especificidades das intervenções de cada mediador (Mestre de Aprendizagem e Mediador Companheiro). Apesar desta constatação, que me deixou num verdadeiro êxtase reflexivo, verifiquei também a importância de criar uma narrativa que espelhasse essa realidade. Não bastava

percecionar que todos partilhávamos da mesma conceção de mediação. Isto é, como se constrói uma teoria ou um modelo de mediação social? Aí percebi realmente o cerne do projeto e a relevância dos encontros que iríamos ter ao longo desta “Tour”.

O período de estágio do Mediador Companheiro, na cidade do Porto e no IMULP, foi também um período formativo para mim. Encarei alguns dos momentos do estágio como sendo momentos que eu própria aproveitaria para aprofundar mais a mediação nas áreas de intervenção do IMULP, especialmente na mediação intercultural que estava na fase inicial de implementação na cidade do Porto.

Uma vez que o IMULP, entidade acolhedora do estágio, não tem uma agenda de trabalhos regular dentro da própria Universidade, foi então, no exterior, noutros contextos e noutros territórios que se desenrolaram as experiências formativas. Foi fácil estabelecer uma relação de partilha, questionamento e sistematização das informações recolhidas nos inúmeros momentos do estágio. Como já referi, de todas as áreas em que o IMULP intervém, a mediação intercultural estava no início. Organizar, participar em algumas das reuniões com os mediadores interculturais serviu para compreender como estes se estavam a enquadrar nos contextos. A preparação para responder ao Mediador Companheiro por parte desses mediadores interculturais permitiu-me aprender mais sobre o início da prática na cidade do Porto. É verdade que em todos os momentos assumi um duplo papel: transmitir todos os dados necessários ao Mediador Companheiro e permitir que quem o recebesse partilhasse o máximo de informação, que me foi também muito útil para as minhas reflexões. Em suma, preparar e participar nos momentos de experiência permitiu-me refinar definições e práticas. Foi de facto gratificante receber o Mediador Companheiro que, graças à sua postura e envolvimento, tornou todo o processo bastante profícuo. Este tema do estágio será retomado no ponto seguinte.

O segundo encontro, no Luxemburgo, representou um real amadurecimento na participação na “Tour d’ Europe”. O conhecimento partilhado foi uma das principais conquistas deste encontro. Verificou-se que as especificidades da mediação eram uma nota em todos os discursos, a par de um sentido comum da mediação, todavia emergiu uma prática de mediação social, sujeita a inúmeros obstáculos e constrangimentos políticos e sociais. Reforçou-se a identidade do mediador e tomou-se a consciência de que há um longo percurso a fazer para que a mediação tenha (re)conhecimento. No grupo, a identidade do mediador estava consolidada, embora se denotasse a necessidade por sistematizar o que queremos anunciar como mediação, com suporte teórico, de cariz paradigmático (entendido como um princípio, uma teoria ou um conhecimento originado

da investigação num determinado campo científico; uma referência que serve de modelo para pesquisas e ações).

Ainda sobre o encontro formativo do Luxemburgo, complemento a análise referindo que, se por um lado, os vários territórios foram integrados numa visão transversal e sistémica de mediação; por outro lado, no micro espaço da sala de formação manifestaram-se realidades complexas com que os mediadores têm de gerir pessoalmente: isto é, entendimentos mensurados por perspetivas diferentes. Esta realidade enfrentada num dos momentos formativos requereu dos mediadores o manuseio das suas habilidades no contexto de grupo. Ora, o episódio ocorrido, que aqui não cabe desenvolver, instaurou um questionamento imediato: o mediador é um terceiro que está afastado da questão controversa. Esse estatuto permite-lhe assegurar a isenção. E quando esse mediador é parte integrante da questão controversa? Embora, este deixe de ser terceiro na interação social, em que medida as suas habilidades devem ser “esquecidas”? Tenho por hábito referir que o mediador tem, apesar de tudo, um papel facilitado, uma vez que não está envolvido nas questões dilemáticas. Por outro lado, advogo que a mediação assume uma lógica educativa e formativa, pelo que deve ser parte integrante não só dos sujeitos mediados, mas também do próprio mediador. É esta coerência que ainda não consegui ver afirmada entre alguns mediadores, isto é: a coerência dos princípios da mediação na ação do mediador para com os mediados e para com as suas interações no seu contexto. Parece, efetivamente, mais fácil, assumir o papel perante terceiros, quando nos podemos desfocar das nossas subjetividades. Esta ilação não responde, todavia, à questão reflexiva agora mencionada. Por outro lado, não tenho aqui espaço, nem tempo para dar continuidade a este debate.

Por fim destaco ainda, que no Encontro no Luxemburgo, em conformidade com o 1º encontro, houve a preocupação de incutir rigor nas intervenções acerca da mediação, do mediador, dos princípios, das competências e da ação. Constatei que participava de um processo de construção de um sentido comum para a mediação, numa dinâmica, que lhe é própria e sem a qual esta perde a sua identidade: dinâmica entre teoria – prática – mudança - melhoria (numa perspetiva de empoderamento). Se essa dinâmica é concetualizada e se funciona na sociedade, junto das instituições e dos cidadãos, tornou-se para mim a questão central de reflexão e de partilha ao longo do projeto. Assim, dito de uma forma mais basilar, na generalidade, os temas expostos não foram novidade, todavia, a visão de cada mediador e a relação entre prática – teoria – prática acerca da mediação têm constituído a mais-valia formativa deste projeto.

Para o terceiro e último encontro, em Paris, mantenho, com a mesma intensidade, o interesse científico e operativo acerca da mediação. Através da apresentação dos relatórios, creio que não só terei a oportunidade de dar continuidade à reflexão em curso, como espero contribuir para esse fim, isto é: para um melhor conhecimento da mediação no seio do grupo participante no projeto e, oportunamente, para a comunidade que virá a beneficiar das aprendizagens construídas e do conhecimento contruído.

2. Análise da evolução do Mediador Companheiro (de Magdburgo a Paris) e do funcionamento do binómio Mediador Companheiro com o Mestre de Aprendizagem.

A interação e a experiência com o Mediador Companheiro, Sing-Long do Luxemburgo, foi outro dos vetores interessantes do projeto. Como referido anteriormente, o período de estágio possibilitou reflexão, debate, amadurecimento e desenvolvimento. Tudo este processo resultou da necessidade de, pela primeira vez, ter de organizar o trabalho do Instituto de Mediação da Universidade Lusófona do Porto para ser partilhado para efeitos de aprendizagem.

A riqueza do processo interativo entre Mediador Companheiro e Mestre de Aprendizagem beneficiou indubitavelmente do interesse, da curiosidade e do empenho do primeiro. Acresce o facto do Mediador Companheiro ter manifestado, logo na primeira hora, interesse particular por realizar o seu estágio em Portugal.

As características pessoais e intelectuais do Mediador Companheiro destacaram-se, uma vez que tornaram o conjunto de atividades proposto mais significativo em termos de aprendizagem. Também aqui acresce o facto do Mediador Companheiro possuir um mestrado em Engenharia da Mediação da Universidade do Luxemburgo.

Em todos os momentos, de um programa diversificado e intensivo, o Mediador Companheiro demonstrou capacidade de ação e dinamismo (tendo, por exemplo, participado em aulas de mediação familiar e escolar, para dar o seu testemunho); capacidade de autonomia (uma vez que, por exemplo, em quatro momentos, o Mediador Companheiro teve de ir sozinho às reuniões com alguns mediadores e com um representante do CNAE); capacidade de análise de situações (tendo sido, por exemplo, um elemento ativo nas reuniões com os mediadores interculturais, mediadores escolares, formandos em mediação familiar. Em todos os encontros soube sempre escutar e questionar para saber mais. Soube organizar as informações e sistematizou-as nos

encontros que tínhamos de reflexão ao final do dia, destacando o que tinha observado em termos de práticas de mediação e de atuação do mediador, de aspetos fortes e de constrangimento para a mediação e para o mediador nos diversos contextos); ainda que não tenha apresentado propostas para os projetos e atividades assistidas, engendrou-as para projetos futuros na sua prática profissional.

Foi com satisfação e confiança que acompanhei ao Mediador Companheiro aos encontros com mediadores nacionais, para se inteirar e assistir à sua prática. Para isso, contribuiu o facto do Mediador Companheiro ter demonstrado ter bom espírito de equipa. Também neste campo, outra característica pessoal do mediador constituiu uma mais-valia, a saber: o uso da língua portuguesa. Por outro lado, destaco o sentido de responsabilidade do Mediador Companheiro (demonstrado, a título de exemplo, na pontualidade, participação aberta e empenhada em todas as atividades (como, por exemplo: a participação, à noite, num espetáculo de jovens de contextos sociais desfavorecidos; a participação, também em horário pós-laboral, numa aula aberta sobre a mediação em Portugal; e a participação em aulas de mediação familiar, à noite, e escolar, ao sábado de manhã). O sentido de responsabilidade esteve também presente na confirmação dos procedimentos em que se ia envolvendo. Demonstrou um sentido de ética nas interações que lhe foram proporcionadas no contexto da mediação e da instituição acolhedora.

Por fim, reitero uma ideia atrás mencionada, para o Instituto de Mediação da Universidade Lusófona o estágio foi uma oportunidade de envolver os seus parceiros, das diversas áreas da mediação, num trabalho de sistematização de informação e de reflexão compartilhada acerca da prática da mediação nos seus contextos. Assim, creio que o estágio constituiu um benefício mútuo.

3. Análise do impacto da experiência na organização.

A experiência na área da mediação intercultural é recente no Instituto de Mediação da Universidade Lusófona do Porto, reunindo mais anos de prática nas áreas da mediação de conflitos de natureza civil, familiar e escolar. Nesse contexto, a participação na “Tour d’Europe” proporcionou uma oportunidade para levar a cabo uma autoanálise do trabalho que o Instituto iniciou na cidade do Porto, com a Equipa de Mediação Municipal e Intercultural, e a parceria que desenvolve com quatro outras Universidades do Norte de Portugal, no âmbito da Rede de Ensino Superior de Mediação Intercultural. Em cada encontro senti-me mais enriquecida para dar continuidade ao trabalho da mediação

intercultural. Ainda que cada território tenha as suas especificidades, descobrem-se formas de intervir por parte do mediador que são comuns e que reforçam ou permitem inovar as nossas práticas. A título de exemplo, foi muito enriquecedor perceber a ação do mediador intercultural no terreno, na narrativa direta dos participantes no projeto e que procura definir a sua identidade (por comparação com outras intervenções de outros profissionais) junto das comunidades e dos serviços.

Por outro lado, conhecer as linhas de força e constrangimentos dos mediadores sociais e interculturais participantes no projeto permitiu-me estar mais preparada para a intervenção que a equipa do Instituto está a levar a cabo no território acima identificado.

As interrogações e os conhecimentos que os mediadores com experiência colocaram durante os encontros proporcionaram uma maior segurança para atuar nesta área da mediação. O trabalho do Instituto realiza-se no contexto da realidade cultural da cidade do Porto e de Portugal, mas, efetivamente, denota-se uma tendência transversal de identidade comum entre os mediadores interculturais, mesmo que ainda careça de aprofundamento e consolidação.

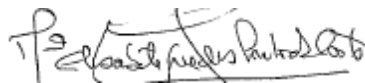
4. Contribuição para o projeto CREE-A:

O projeto Crea-A foi divulgado nos meios institucionais do Instituto de Mediação na Universidade Lusófona do Porto. Ocorreram sempre partilhas no seio da equipa do Instituto e informações institucionais para os órgãos universitários. Acresce a comunicação regular do Instituto nas redes sociais, onde se deu destaque ao projeto, enaltecendo uma das suas dimensões inovadoras: os encontros formativos de mediadores representantes de vários países europeus para aprenderem, valorizarem e construírem em conjunto a mediação social.

O projeto foi também divulgado disseminado através da participação do Mediador Companheiro, junto da equipa do Instituto e junto das parcerias do Instituto de Mediação, caso das Equipas de Mediadores Municipais Interculturais de Braga, Maia e Porto; na Escola Ramalho Ortigão, no Porto, junto da equipa de mediadores (técnico mediador, professor mediador e alunas mediadoras); no Instituto Lusófono de Formação e Intervenção Sociocomunitária (ILUFOR), a quem foi pedida autorização para que o Mediador Companheiro interviesse numa das sessões formativas do Curso de Mediação Familiar para dar o testemunho da sua participação no projeto; no Instituto Superior da Maia, numa aula aberta sobre mediação em Portugal e na qual o Mediador Companheiro

teve a oportunidade de partilhar mais uma vez a sua experiência no projeto; no próprio Instituto de Mediação da Universidade Lusófona do Porto, em reuniões com elementos da equipa e a participação numa aula da Pós-Graduação em mediação escolar, nos mesmos moldes das participações anteriores, e, por fim, num momento cultural, promovido pela Câmara Municipal do Porto, com jovens do Bairro do Cerco do Porto, onde o Mediador Companheiro teve a oportunidade de referir-se ao projeto junto da Diretora Municipal da Educação. Em suma, se cada um destes encontros serviu para que o Mediador Companheiro tivesse oportunidade de presenciar espaços de cultura local, mais ou menos institucionais, onde aliás se cruzou com mediadores ou agentes que estavam em processo de aprendizagem sobre a mediação, tais momentos serviram também para apresentar, de forma mais ou menos estruturada, o projeto.

Nesta reta final do projeto fica a convicção de que cada mediador no seu contexto integra um movimento transversal de construção e afirmação da mediação como metodologia de inovação social. Tomando por base a ideia de Edgar Morin, este projeto potencia o cruzamento entre o global e o local, num movimento de mudança social a favor de uma sociedade intercultural que se expande por todas as sociedades do hemisfério norte, sem atender a fronteiras e olhando para a terra como uma casa comum. Obrigada pela oportunidade!

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'P. Costa' or similar, written in a cursive style.
